

Em maio, o desafio vira dos dissídios

SÃO PAULO — A posse do novo Presidente se dará um mês e meio antes das campanhas salariais da maior parte dos trabalhadores brasileiros. São os 15,8% que têm seus salários reajustados a partir de 1 de maio. Com uma inflação superior a 30% ao mês e queda no rendimento médio real que na Grande São Paulo chega a 30%, em relação a 1985, segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), são previsíveis fortes pressões por reajustes reais.

Ainda que a situação trabalhista que o próximo Presidente vai herdar dependa consideravelmente de quem vai ser eleito, as empresas esperam demandas salariais maiores. Para

Antoninho Marmo Trevisan, qualquer dos candidatos que vier a ser eleito, inclusive aqueles que defendem a estatização, terão que financiar parte de seus programas de investimento através dos recursos obtidos com a privatização de empresas estatais:

Para o auditor, entretanto, qualquer iniciativa de privatização vai esbarrar no forte movimento sindical instalado nessas empresas. E dependendo do Presidente, as privatizações poderão demorar mais:

— Veja o que aconteceu no caso da privatização da Mafersa. Bastou um dirigente sindical falar com o Presidente para este cancelar o processo de privatização.